

**Max Diniz Cruzeiro**

**Neurocientista Clínico / Psicopedagogo Clínico e Empresarial**

**Mães, de onde vêm os Bebês?**

A LenderBook tem o compromisso com a verdade, não nos interessa criar uma personalidade fantasiosa a respeito do comportamento de seus escritores. E diante deste fato alertamos que todo o conhecimento da humanidade é uma junção de elementos dispostos no ambiente. Nunca um mesmo ensinamento é percebido de forma igual entre dois indivíduos, quando menos no próprio indivíduo dada uma razão de tempo. Este módulo de mães que têm que se preocupar com perguntas embaraçosas de seus pequeninos também é um ato de somatização. É praticamente impossível existir duas somatizações não mecânicas idênticas. Composições de diferentes cinéticas afetam diretamente os parâmetros que moldam os modelos do que é conhecido como realidade. Passaremos neste texto uma noção de um soma integrado a princípios de identidade neurocognitiva em que a linha de argumento está inserida dentro de um modelo mental que vamos trilhar. Em nenhuma teoria existe a verdade dos fatos, o que existe de fato é o encaixe de percepções. O que quero que você reflita que este texto como qualquer outro produzido por nós ou por terceiros sintetiza percepções e perspectivas de um todo complexo que não pode ser agrupado em toda sua extensão. Portanto sabemos que com o avançar da ciência novas percepções irão agrupar elementos mais coesos e de identificação com o soma de sua época. O que pode ser observado hoje como verdade pode ser daqui a 10 anos um conjunto de abstrações particulares. Pois o comportamento é mutante, a vida se torna mais complexa e outras formas de identificação com o mundo deverão ser construídas. Portanto ao ler abstraia apenas daquilo que fizer sentido para a sua particularidade de vida e aplique naqueles agrupamentos de aprendizado que podem gerar prazer e bem estar para sua existência.

Pais geralmente sofrem aflição quando se deparam com perguntas embaraçosas de seus filhos. A curiosidade infantil não encontra limites para manifestar o seu potencial de criatividade. Porém se uma criança desperta o interesse em pesquisar elementos constitutivos de sua vida o seio familiar deve estar preparado em termos de estrutura cognitiva para sanar as dúvidas dos recém-chegados.

Mas qual é o melhor momento para se falar de sexo com uma criança pequena? E em que idade é conveniente explicar como os fatos conceptivos são desencadeados no seio familiar?

A verdade é que os pais devem criar ambientes propícios para suas crianças ao desenvolvimento do intercâmbio do processo de comunicação. Esta predisposição em não inibir a criança para que ela manifeste o seu interesse de comunicar algo que venha a apreender-se é fundamental para que o pai fique sensível o suficiente para colher as indagações da infância.

E quando a criança lança sua pergunta para o ambiente o pai deve estar convicto dos elementos constitutivos da elaboração do questionamento. Assim, a criança ao perguntar é capaz de elaborar primitivamente sua dúvida sobre um eixo de afetação infantil que a permite abstrair até certo nível de conteúdo que uma resposta inteligente a deixará confortável por um tempo até que a maturação cerebral acelere outras consequências mais profundas sobre o questionamento anterior.

Quando a criança questionar pela primeira vez a um adulto de onde vêm os bebês é conveniente que os pais devolvam o questionamento com um incentivo a descoberta, do tipo: **“Nossa! Filha! Que pergunta mais interessante. O que mesmo você quer saber?”** e esperar pelo desmembramento seguinte do que se pergunta para em seguida introduzir outra pergunta: **“Explica para a mamãe como você acha que deve ser a vinda de um bebê para uma casa?”.**

As implicações imediatas do pai ou da mãe que toma esta atitude de comunicação é a admiração de seu filho como também o vínculo mais direto na partilha das etapas posteriores do processo contínuo de aprimoramento da comunicação entre pais e filhos.

Se por exemplo a menina de nosso exemplo acredita que as crianças vêm de um ovo que é botado pela mãe através de sua estrutura anal, o conhecimento provisório desta criança deve ser mantido e realçado e os pais devem alertar deste as fases iniciais de desenvolvimento da infância a seus filhos que o conhecimento que é repassado para ela é uma sementinha que vai crescendo e quando ela já estiver grande o suficiente seu corpo já terá crescido bastante para entender tudo o que se passa com ela.

O conhecimento provisório é necessário ser realçado até que o biológico já encontre a correspondência sexual certa para o nível de conhecimento que é necessário ser repassado para a entrada da criança em sua fase de adolescência.

A criatividade da criança não tem limites, a menos que desde cedo os pais construam barreiras somáticas para o seu desenvolvimento o que não é viável do ponto de vista do processo de constituição psíquica de um indivíduo.

A investigação infantil não refreia enquanto a necessidade pela busca do prazer da resposta não é atendida. A contrainvestigação dos pais é necessária para saber qual o ponto de desenvolvimento em que sua criança se encontra para que o ato de comunicação seja forte o suficiente para abastecer pontualmente o nível cerebral da criança no momento de sua pergunta. Falar em excesso ou de menos são prejudiciais ao desenvolvimento durante a infância.

**O que é Fobia?**

A fobia é um desenvolvimento dos movimentos perceptivos em que uma criança percebe uma sensação desagradável, e ao intuir que a sensação gerada pode novamente ser alimentada através de nova pulsão ou impulso ou estímulo, ela é capaz de desencadear uma aflição interna que refreia a sensação na tentativa de não deixar fluir novamente o aprendizado desagradável geralmente em que a afetação é conhecida como medo.

Mesclas de repetições de sensações desagradáveis geram quadros de ansiedade e uma forte resistência da criança em se aproximar do objeto ao qual ela transfere sua percepção como sendo o agente do temor.

A Fobia é resultante de um processo contínuo de incompreensão de uma recorrência negativa da vida de uma criança. Assim, se ela ao brincar com um animal de estimação e este sem querer lhe promove uma sensação de dor, o temor pela não repetição da situação desagradável pode ser desencadeado toda vez que o animal se aproxime novamente da criança.

Mas a questão é saber que uma vez a fobia formada é necessária mapear os mecanismos sensoriais da criança que permitam identificar o grau de envolvimento ambiente da criança com o objeto no instante em que a ativação do temor é verificada.

Uma vez mapeada a sequência cognitiva que desencadeia a fobia, os pais devem trabalhar com os elementos cognitivos de forma dissociada. Entenda como elementos cognitivos a serem observados, aqueles dispostos de forma a geração de um pânico como, por exemplo, a identificação de uma aproximação visual da coisa que se teme, a elevação dos batimentos cardíacos associada a uma fixação sobre o objeto, uma atenção mais prolongada sobre determinado aspecto do ambiente que o interesse inicial se projeta sobre a criança como uma incompreensão, a percepção da criança de distanciamento dos pais no instante em que o objeto alvo do temor tende a se aproximar,...

O passo seguinte é buscar formas de alocação sobre a memória do infantil da criança. Assim a identificação de uma aproximação visual da coisa que se teme pode vir acompanhada de uma brincadeira lúdica em que o interesse da criança passa a canalizar outros aspectos agradáveis que o tempo pode fazer com que a estrutura dominante do aparecimento do termo possa ser substituída por algo que é sublimado pelo aspecto de prazer que a criança é capaz de ajustar o seu prendimento da atenção.

A elevação dos batimentos cardíacos associada a uma fixação sobre o objeto pode ser minimizada por um afago e/ou um carinho com incentivo dos pais para dizer a criança que seu espaço tridimensional está naquele momento protegido e amparado.

Uma atenção mais prolongada sobre determinado aspecto do ambiente que o interesse inicial se projeta sobre a criança como uma incompreensão, pode ser ajustada com exercícios de entretenimento que permitam a criança começar a perceber que existem outros pontos sobre o ambiente que também podem ser percebidos e ir aos poucos perdendo o envolvimento pela priorização da coisa a qual se teme.

A percepção da criança de distanciamento dos pais no instante em que o objeto alvo do temor tende a se aproximar pode ser trabalhada pela integração entre pais e filhos através de um sistema de recompensas à medida que o filho permite se distanciar dos pais em proximidade do objeto ao qual se teme a sensação de amparo é intensificada com calorosos abraços e manifestação de carinho entre pais e a criança. A fim de que a criança identifique este caminho como uma necessidade a progredir até que abandone definitivamente a noção de desemparo que fortaleceu em função de uma fobia.

O último momento de identificação é mostrar para a criança que o objeto não oferece perigo algum a sua integridade, realçando a falta de importância que aquele objeto é capaz de representar para a satisfação de sua primitiva noção de segurança, pois a criança é capaz neste momento de saber que seu porto seguro está na presença de quem é responsável por sua integridade e passa a não mais temer o objeto.

Fobias que são desencadeadas em tenras idades são capazes de ser migrada para as fazes de maturação seguinte de seu desenvolvimento etário. Então é conveniente, quando as causas não foram mapeadas ou de difícil introspecção procurar ajuda de um analista para que ele possa desenvolver um trabalho de livre associação com o paciente até encontrar aqueles elos-argumentos que estão afetando o equilíbrio cerebral do fóbico.

As reações psicossomáticas da representação de uma fobia são ligadas diretamente a vínculos passados ao qual é capaz de criar uma estrutura coesa que é geradora da afetação momentânea.

Destruir tais vínculos é possível mediante a vinculação transversa em que os elementos somatizados que induzem a fobia são dissociados e levados para migrarem suas junções em outros núcleos de desenvolvimento mnemônico em que a formação do trauma não configura mais uma trava ao funcionamento psíquico.

A propensão do indivíduo em não fugir de seu problema é fundamental para que o tratamento quando em fase adulta não se prolongue por muito tempo. É fundamental o reconhecimento por parte do paciente que a cura só é possível se ele for capaz de desprender das unidades semânticas que foi capaz de se prender ao longo da sua vida para enfim libertar o sua consciência da afetação.

**O que é ancoragem infantil?**

Quando nasce um bebê ele passa de uma vida neural fetal para uma vida neural expandida de crescimento cerebral acelerado. Ao receber estímulos do ambiente o bebê passa a incorporar parte como próprio do seu mecanismo biológico, em que são responsáveis pelo desencadeamento das sensações iniciais descritas por Freud como pulsões.

Na realidade as pulsões são geradas ainda dentro do núcleo materno, e servem essencialmente neste período para o desencadear de funções geratrizes de força para o desenvolvimento fetal.

Quando a criança nasce essas pulsões passam a afetar o cérebro mais diretamente, uma consequência direta da acumulação de neurônios e elevação das transmissões sinápticas.

Este é o primeiro processo de ancoragem pós-gestatória. A mudança de uma ancoragem embrionária para uma vida não compartilhada com a mãe que desencadeia numa mudança encefálica primitiva e congênita para uma encefálica ativa e operante de transformações sinápticas.

A vida pós-gestatória o bebê passa a se alimentar dos estímulos ligados diretamente ao ambiente, e encontra o seu refúgio no reconhecimento do peito da mãe em que a fase inicial é a percepção de ter encontrado o seu elo embrionário ao qual lhe permite ser alimentado até chegar na fase que percebe o objeto, peito, como sendo um elemento dissociado de seu biológico.

Esta etapa pós-gestatória o bebê encontra uma infinidade de sensações positivas e negativas que é capaz de deixar que elas transcorram sobre si infinitas vezes até descobrir, que é capaz de não ser apenas uma estrutura reagente ao vínculo com o ambiente e passar a se interagir primeiramente com a mãe.

Nesta fase ocorre outra ancoragem que é um processo de aprendizado de atenção, foco e fixação. Que para compreensão do leitor pode ser chamada de ancoragem pré-egoica.

O bebê aprende a se comunicar com o mundo que está a sua volta quando é capaz de se induzir minimamente ao ponto de começar a criar uma ancoragem pseudo-egoica.

Para em seguida começar definitivamente a trabalhar com uma ancoragem egoica na fabricação de limites que são somados no aprendizado transmito para a criança através de seus pais.

Entenda como ancoragem um processo de migração de uma estrutura cognitiva para outra em que os aspectos retidos na fase anterior sobre uma intervenção direta através de processos de encapsulamento psíquico através de um processo intenso de sublimação que a fase anterior é colocada em estado de adormecimento devido as percepções da fase mais conexas preponderarem sobre as fases anteriores.

Na realidade este adormecimento não provoca um esquecimento definitivo do processo anterior, mas sim um acoplamento com uma infinidade de parâmetros mais densos em que permite anular as fases anteriores como unidades sensoriais de informação.

Quando a fase egoica já está avançada começa o processo de ancoragem para migração da estrutura cognitiva para outra forma de afetação mais intensa que é o processo de dotar o cérebro de uma unidade semântica própria: ancoragem pré-semântica ou de signos.

Para a transição de uma etapa mais sólida que é um processo de identificação dos signos através de estruturas lógicas de significação e significado: ancoragem pseudo-sináptica.

Para enfim chegar na estrutura de ancoragem semântica fase em que o processo de linguagem é conhecido e a estrutura do idioma já é identificado pela criança.

Depois quando a criança é capaz de compor sua personalidade (6-8 anos) ela passa por um processo de ancoragem em relação à apropriação dos sinais do ambiente: ancoragem do encapsulamento pré-definitivo. E aprende a identificar gostos e preferências próprias suas

Para na fase de adolescência se convencer que é preciso causar dentro de si o rompimento com o contínuo fluxo de informações capaz de guiar até então mais sua percepção do que os elementos já inseridos no decorrer deste processo. Nesta estrutura o adolescente passa a confiar mais em sua capacidade e ser mais seletivo ao migrar novas informações para dentro de si: ancoragem do encapsulamento psedo-definitivo.

Por fim quando a fase adulta se instala, a ancoragem cerebral derradeira é uma espécie de uma identificação causal com uma identidade maturada, na forma de uma ancoragem do encapsulamento definitivo.

Estas formas de separar processos de elevação psíquica no decorrer do percurso de um indivíduo é uma forma meramente abstrativa de se compreender etapas multifacetadas que se interceptam de forma concorrentes entre uma parte e outra do desenvolvimento contínuo. E fortes experiências do passado podem cristalizar em maior ou menor grau o aprendizado de uma fase anterior ao sobrepor a outra. De forma que um trauma passado pode desencadear estruturas viciadas e sintomas em somatizações mais complexas.

**Me ensina a Retenção?**

Um dos sentimentos mais perseguidos e odiados em todos os tempos é o sentimento de retenção que é desencadeador do fenômeno pela posse de objetos.

Porém o desenvolvimento do bebê estabelece esta necessidade vital de criar vínculo direto com o objeto referencial do peito através da mãe. A mãe ao ensinar o bebê que deve desenvolver um esforço gutural está projetando sobre a criança a necessidade de retenção do estímulo de engolir, para em seguida o de reter o peito com as mãos quando faz a criança absorver a necessidade de apoiar sobre o objeto de forma definida.

A retenção começa a se desenvolver primeiramente de forma interna no processamento do alimento, para em seguida no controle dos esfíncteres, que são canais de transmissão do alimento pelas vias digestivas até chegar no anus.

O controle da retenção se estende para o apalpar e pegar com as mãos. Para desencadear futuramente também a ereção e as necessidades mictórias.

Com o desenvolvimento da criança instala-se a necessidade de controle sensorial do ambiente, então o tocar se torna mais intenso, o morder, o chuchar com a boca o bico do peito, o controle do anus pela criança nos processos de evacuação dos dejetos fabricados pelo processo alimentar.

É possível identificar que o processo de retenção passa também por distintas fases que desencadeiam necessidades masturbatórias conforma o período. Entenda uma necessidade de masturbação não no sentido de elaboração de um coito projetivo, mas a projeção de uma articulação sobre parte erógena do próprio corpo onde a criança desenvolve um aspecto ritmado e prazeroso de coordenar algum elemento biológico que lhe pertença para dele vir a tirar o proveito de percepções que Freud chamou de delírios, mas que prefiro chamar de estados de afetação psíquica de controle motivacional e ocupacional do bebê.

**Fases masturbatórias:**

- Masturbação da fase de lactação;

- Masturbação da fase anal do bebê;

- Masturbação da fase de sucção do bebê;

- Masturbação das partes erógenas pelo toque;

- Masturbação das partes exógenas.

**Masturbação da fase de lactação** – o bebê passa a sentir prazer da aproximação do peito e pode chegar até a querer a permanecer mais vezes conectadas à mãe sem ter a necessidade de continuar a se alimentar.

**Masturbação da fase anal do bebê** – O bebê aprende a fazer o controle do seu sistema digestivo e passa a orientar seu processo volitivo para a eliminação ou retenção das fezes.

**Masturbação da fase de sucção do bebê** – o bebê passa a se concentrar no prazer inicial da absorção do leite materno ao transferir sua estrutura de prazer para sua boca e passa a consumir seus dedos como uma tentativa de continuar a desencadear a sensação prazerosa dentro de si.

**Masturbação das partes erógenas pelo toque** – O bebê passa a querer tocar como um processo de descoberta tudo que está ao seu alcance em que a estrutura de prazer presente com o fato de manipular a coisa promove a sensação de fricção e intensificação do contato com a pele.

**Masturbação das partes exógenas** – o indivíduo passa a descobrir suas partes sexuais e sente a necessidade de induzir movimentos e a canalizar o prazer que foi trabalhado em outras áreas para as regiões eróticas que possui.

A retenção é desencadeadora de posse, uma vez que a percepção do bebê vê na propriedade do alcance do objeto o estabelecimento de um vínculo afetivo que se encontra sobre sua disposição. E quando este elemento falta ou não está próxima, a criança encontra dentro de sua primitiva estrutura de linguagem o choro como seu alicerce de identificação para aproximar a coisa e voltar a ter o prazer que irá suprir a sua necessidade pelo desejo do algo alcançado.

A posse desencadeia com os processos de ancoragem a endossos seguintes de acordo com as próximas fases a um modo mais centrado de canalizar a aproximação e separação de elementos-objetos dentro da linha de ação de um indivíduo. Não existe civilização que tenha em sua fase de maturação a fabricação deste sentimento de posse de algo que é capaz de gerar retenção dentro de si.

A própria necessidade de comunicação se apreende o vínculo sensorial de retenção de atributos que a identificação grupal fornece como estrutura de signos padrão para o desenvolvimento de uma linguagem comum dentro do agrupamento. O problema da retenção está quando se adiciona sentimento de posse dos elementos ambientais de modo elevado e concorrente com outros seres onde a distribuição espacial de tais objetos impossibilita a distribuição consciencional entre todos os indivíduos que dele venha a necessitar. Instalando-se desta forma o conflito e consequente atrito quando não sanado.